

Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo      (    ) Relato de Experiência      (    ) Relato de Caso

## MUITO MAIS QUE UMA CAIXA DE AREIA: O ESPAÇO COMO POTENCIADOR DO DESENVOLVIMENTO SENSORIAL E SIMBÓLICO

**AUTOR PRINCIPAL:** Mariane dos Santos

**COAUTORES:** Cíntia Witech Fauth, Sabrina Trevisan Schuster e Willian Rombaldi

**ORIENTADOR:** Rosana Coronetti Farenzena

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisaremos uma área temática da Brinquedoteca, pequena e potente, um convite às explorações táteis, à observação, a representação simbólica, ao pensamento científico e às interações entre pares. Trata-se de uma área que reproduz, com elementos reais, como conchas, areia e carcaças de siris e de estrelas do mar, um ambiente de praia. Barcos em madeira, uma rede de pesca e animais marinhos em resina compõem o ambiente. A Brinquedoteca Universitária é um laboratório do Curso de Pedagogia, condição que a compromete com a inovação pedagógica. A organização do espaço em áreas que não reproduzam estereótipos e não subestime a criança é determinante ao protagonismo lúdico autônomo dos visitantes. Materiais com alto potencial lúdico, e que não sejam brinquedos prontos respondem melhor à curiosidade das crianças, bem como aos seus interesses e desenvolvimento. A diversidade dos recursos facilita conexões com a vida real, pelo que se justifica a sua presença no espaço e análise.

### DESENVOLVIMENTO:

No atual projeto, de organização do espaço, foi construída uma área que remete à vida marinha. Com areia de praia, em quantidade suficiente para manipulações e experimentações de várias crianças, ao mesmo tempo; dezenas de conchas, de diferentes cores, formatos e tamanhos; resíduos de corais; carcaças de siris; barcos em miniaturas, feitos artesanalmente em madeira, e animais marinhos em resina, dentre outros elementos relacionados ao contexto representado, foi possível uma ambientação que empolga as crianças de diversas idades, especialmente até os seus 9 anos. A intencionalidade dessa organização, com recursos da natureza, diz respeito a apresentação de materiais não estruturados, não concebidos como brinquedos, entretanto potencializadores de um brincar livre, criativo e cooperativo. O espírito científico nas crianças, expressado em observações detalhadas, muitas vezes com recurso ao uso de lupas, nas interrogações e hipóteses levantadas, nas

ações que buscam relação causa e efeito, bem como novas descobertas, confirma a fundamentação teórica que recomenda a composição de áreas semiestruturadas e delimitadas, sem que sejam fechadas. A área marinha é a única com restrições no uso, como a não retirada ou o acréscimo de elementos, sendo garantida a possibilidade para reorganizarem os materiais, mexerem à vontade na areia etc. Nessa perspectiva, o espaço cumpre as funções previstas por Formosinho “[...] organiza-se em áreas diferenciadas de atividades que permitem diferentes aprendizagens plurais, isto é, permitem a criança uma vivência plural da realidade e a construção dessa pluralidade”. (p. 11, 2011). Diante do tempo considerável dispensado por meninos e meninas de diferentes idades e contextos à exploração da área, bem como as diversas participações na brincadeira livre e nas interações de pares, confirma-se a necessidade do planejamento dos ambientes para a infância. Também fica evidenciada, de forma inquestionável, a capacidade das crianças para uma participação consonante aos limites e normas, desde que compreendam o sentido disso. A área mantém-se preservada após centenas de visitas, o que confirma a importância do diálogo prévio com crianças, na definição conjunta de regras, também a garantia de tempos livres em espaços preparados para explorações sensoriais. Observamos crianças de 5 e 6 anos compenetradas, durante aproximadamente 55 minutos nas explorações da área. Representações simbólicas são comuns, como a registrada na conversa entre duas meninas entre os 5 os 6 anos de idade, que nela brincavam. 6anos – “Filhinha, pega a panela para a mamãe.” 6 anos Crianças maiores operam com a categorização de conchas, por tamanhos, formas, cores etc. O manuseio de lupas surpreende muitas crianças, o que pode sugerir um déficit científico escolar precoce. Visitas à Brinquedoteca inspiram crianças e professores para novas concepções e práticas educativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Espaços educativos formais e não formais não podem prescindir de elementos da natureza. Esses potencializam o desenvolvimento de capacidades científicas e o bem-estar das crianças. Áreas temáticas, além de esteticamente convidativas, trazem a ideia de diversidade, de processo, e de complexidade. Fomentam interações livres, descobertas, aprendizagens autônomas, bem-estar, alegria e participação infantil ativa.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Danielle L. de Almeida. Sobre Brinquedos E Infância: Aspectos da Experiência e da Cultura do Brincar. Educ. Soc., Campinas, Vol. 27, N. 95, P. 541-551, maio/ago. 2006.
- KISHIMOTO, T. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S.M.P. (Org.). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 23-40.
- KISHIMOTO, T. Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. São Paulo: Cortez, 1997.
- FORMOSINHO, Julia. (Org.). O Espaço e o Tempo na Pedagogia em Participação. Coleção Infância, V. 16. 2011 Porto Editora, Portugal

**NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):** Número da aprovação. SOMENTE TRABALHOS DE PESQUISA

## ANEXOS

Figura 1: Ruídos percebidos através das conchas



Fonte: Os autores

Figura 2: Manipulações e experimentações das crianças na área



Fonte: Os autores

Figura 3: observações detalhadas dos elementos através do uso de lupas



Fonte: Os autores